Dia 28 — Os Santos Nazário, Celso e Vítor, Mártires

São Nazário foi romano, de pai gentio, originário da África; sua mãe era de Roma e havia abraçado a fé de Jesus Cristo antes de dar à luz Nazário, e a Igreja a celebra com o nome de Santa Perpétua.

Encarregou-se a mesma virtuosa mãe de criar seu filho e em tão boa escola recebeu Nazário tão santa educação. Foram eficazes as lições que lhe deu, porque encontraram uma índole dócil e suave, uma inclinação natural à virtude, um coração reto e um entendimento vivo, perspicaz, penetrante. Não só recebeu o batismo sendo ainda jovem, mas toda a sua juventude a passou nos exercícios mais piedosos da religião, e Santa Perpétua, antes de morrer, teve o consolo de ver em seu filho um dos mais zelosos e mais exemplares cristãos da Itália.

Tendo-o instruído radicalmente o papa São Lino nas verdades da religião, a cujo estudo se havia dedicado com o maior desvelo, e abrasado num fervoroso zelo, pouco ordinário nos jovens de sua idade, apenas recebeu o batismo quis converter à fé de Jesus Cristo todo o mundo. Deixou a casa paterna para ir pregar aos gentios; e, parecendo-lhe a Itália estreito campo para suas vastas ideias, resolveu passar os Alpes e transferir-se às Gálias. Era a empresa verdadeiramente árdua e arriscada num tempo em que o nome cristão se ouvia com execração da outra parte dos montes; mas nenhum estorvo era capaz de deter nem acovardar o espírito do novo apóstolo. Teve muito que padecer, mas crescia seu amor a Jesus Cristo ao passo que se aumentavam os trabalhos. Valia-se de toda sorte de indústrias, meios, invenções e artifícios para ganhar almas para Deus; pronto não só a servir de criado, mas a fazer-se também escravo para converter um só infiel.

Correspondeu o fruto a suas apostólicas fadigas; houve poucas cidades, poucas vilas e até poucas aldeias onde não ficassem estampadas as pegadas de seu zelo com alguma conversão, onde ao menos não deixasse impressa uma alta ideia da santidade do cristianismo.

A primeira cidade do outro lado dos montes onde começou a pregar o novo apóstolo a fé de Jesus Cristo foi Genebra. Não havia ouvido aquele povo idólatra nem ainda o nome de Cristo quando São Nazário entrou nele para anunciar o Evangelho; seguiram-se muitas conversões a sua zelosa pregação, e aquela cidade, que por espaço de mil e quatrocentos anos conservou sempre pura a fé católica de Jesus Cristo, reconheceu todo aquele tempo a São Nazário por seu primeiro apóstolo.

Entre as muitas conversões que fez em Genebra nosso santo, a mais vantajosa à propagação da fé e a mais gloriosa à religião foi a de uma nobre viúva, muito distinta na cidade por seu nascimento e por seus grandes bens de fortuna. Tinha esta senhora um filho ainda menino, chamado Celso, que era todo o seu consolo, e ela o amava com a maior ternura. Instruiu-o Nazário nos princípios da fé e, como o menino era de excelente capacidade e de uma suavíssima índole, em breve tempo

fez tantos progressos na ciência da salvação que, tendo-o batizado nosso santo, pediu-o a sua mãe para companheiro em suas apostólicas viagens. Era sem dúvida grande o sacrifício, mas não era menor a religião da virtuosa viúva, e assim consentiu nele, dando sua bênção a seu querido filho para que se separasse dela e daí em diante fosse todo e unicamente de Jesus Cristo, ficando Celso desde então por companheiro inseparável de São Nazário. Percorreram juntos muitas cidades das Gálias, semeando em todas o grão da palavra de Deus, que com o tempo frutificou uma messe tão abundante.

A célebre cidade de Tréveris foi o principal teatro onde mais resplandeceu o zelo de nossos santos e onde também padeceram por Jesus Cristo aquelas cruéis perseguições que em todo tempo acompanham os homens apostólicos. Contribuiu muito a aumentar o número dos cristãos a multidão de milagres que obraram; e no panegírico que fez em sua honra Santo Ambrósio confessa que aquela cidade deve seus primeiros fiéis às maravilhas que fizeram em nome de Jesus Cristo e aos tormentos que padeceram nela. Seguiu-se imediatamente a coroa a seus gloriosos combates. Presos os dois e postos no cárcere, foram condenados a ser arrojados na confluência dos dois rios Sarre e Mosela; mas apenas tocaram as águas com seus pés endureceram-se elas e tomaram consistência, de cujo prodígio ficaram os gentios tão atônitos que não se atreveram a tirar-lhes a vida, contentando-se com desterrá-los de seu país, pelo que se viram obrigados a voltar à Itália. Conduziu-os a Milão a divina Providência, e naquela cidade foram pela segunda vez presos pelo juiz Anolino, que se achava com ordens do imperador para exterminar todos os cristãos sem dar-lhes tempo de pregar o Evangelho. Depois de alguns dias de prisão foram examinados e, por sua constância em confessar a fé de Jesus Cristo em meio dos mais cruéis tormentos, pronunciou-se sentença de que se lhes cortasse a cabeça. Não é fácil explicar a alegria dos santos mártires quando esta lhes foi intimada. Abraçando estreitamente Nazário a seu querido companheiro, exclamou: «Grande ventura é a nossa, de que o Salvador se digne fazer-nos a graça de receber hoje a coroa do martírio.» E o menino Celso, não lhe cabendo o gozo no peito, prorrompeu nestas vozes: «Eu vos dou graças, Salvador meu, porque, sendo ainda de tão pouca idade, vos dignais receber-me em vossa glória.» Voltando-se a São Nazário, a quem sempre chamava seu amado pai em Jesus Cristo, acrescentou: «Vamos derramar nosso sangue por aquele a quem devemos nossa salvação e nossa vida.» Foram conduzidos à praça maior, e ali foram ambos degolados, sendo seu sangue como a semente daquele grande número de mártires que deu ao céu aquela terra, como também de tantos santos confessores que têm ilustrado aquela santa igreja.

Os cristãos aproveitaram-se da noite para retirar os corpos dos dois santos mártires e enterraram-nos secretamente numa horta fora da porta Romana. Ali estiveram ocultos muito tempo, perdendo-se a memória deles por causa das perseguições com que foi agitada a igreja de Milão; só se sabia que os proprietários daquela possessão tinham grande cuidado de proibir a seus herdeiros que em nenhum tempo nem por nenhum motivo a alienassem, declarando em geral que nela estava escondido um grande tesouro; até que, quase trezentos anos depois, foi revelado a Santo Ambrósio o lugar onde estavam aquelas santas relíquias e, passando a ele acompanhado de seu clero, achou o corpo de São Nazário tão inteiro como se o tivessem enterrado no mesmo dia, e no sepulcro o sangue tão fresco e tão vermelho como se poucas horas antes se tivesse derramado, de sorte que se empaparam nele muitos lenços: a cabeça do santo estava separada do tronco, mas tão inteira e tão fresca como se tivesse estado viva. Acrescenta o diácono Paulino, testemunha presencial, que o sepulcro exalava um odor grato e mais suave que o de todos os aromas. Mandou

Santo Ambrósio cavar em outra parte da horta, onde se encontrou o corpo de São Celso, que juntamente com o de São Nazário foi trasladado à igreja dos Apóstolos, que o mesmo Santo Ambrósio havia edificado. Repartiu o santo bispo estas preciosas relíquias a muitas igrejas e, entre outras, enviou parte delas a São Paulino, bispo de Nola, e a São Gaudêncio, bispo de Bréscia; também tocou à igreja de Embrun uma pequena porção delas, as quais conserva com grande veneração.

Com a memória destes santos junta a Igreja a de São Vítor, papa. Foi africano, filho de um tal Félix e, por sua eminente virtude e grandes talentos, foi elevado à cadeira de São Pedro por morte de São Eleutério, o que sucedeu pelo ano de 192. Pediam um papa desta santidade e destes talentos as heresias que por aquele tempo despedaçavam a santa Igreja, contra as quais fulminou anátemas Vítor com tanto vigor que se conheceu tê-lo formado o céu para exterminar aqueles monstros.

Teodoro de Bizâncio , curtidor de profissão, não podendo sofrer as repreensões que lhe davam os cristãos de seu país por ter apostatado na última perseguição, discorreu o arbítrio de ensinar que Jesus Cristo não havia sido mais que um puro homem, parecendo-lhe que desta maneira justificava sua apostasia. A impiedade não podia ser mais abominável, nem mais desprezível o mestre que a ensinava; com tudo isso corrompeu a muitos e teve não poucos sectários, tendo atrevimento o ímpio heresiarca para ir a Roma e dogmatizar no centro mesmo da verdadeira religião. Anatematizou-o São Vítor e perseguiu-o tão vivamente que depois não se ouviu falar mais dele. <!-- OCR: "Teodoro"; o herege é Teodoro de Bizâncio , o curtidor; corrigido -->

Não contemplou mais os montanistas, embora já por aquele tempo se tivesse declarado Tertuliano por seu partido. Bem persuadido o santo papa de que os hereges nunca se fazem mais insolentes nem mais ferozes do que quando se contemporiza com eles com o fim de reduzi-los, declarou-lhes valorosa e constantemente a guerra, condenando seus erros. Por então inventou também Praxeas a heresia dos patripassianos, precursores do sabelianismo, que arruinavam em Deus a distinção de pessoas. Apenas se descobriu esta zizânia no campo do Senhor, arrancou-a a vigilância e o infatigável zelo do santo pontífice. Reconhecido Praxeas, detestou seu erro, que consistia em atribuir ao Pai o que só pertencia ao Filho, e entregou sua retratação, com cuja ocasião convocou Vítor um concílio em Roma.

A maior parte dos bispos da Ásia, por não sei que costume tolerado até então, celebravam a Páscoa no dia catorze da lua de março, conformando-se nisto com o rito dos judeus; o restante da cristandade a celebrava no domingo depois do dia catorze daquela lua, por ter ressuscitado o Salvador em semelhante dia. Temendo São Vítor que aquela diferença de ritos podia ocasionar divisão entre os fiéis e parar com o tempo em algum cisma, para ocorrer a este mal ordenou que todas as igrejas do mundo se conformassem neste particular com o costume da Igreja romana e que em nenhuma parte se celebrasse a Páscoa no dia catorze do equinócio vernal, mas no domingo seguinte; e, embora se opusessem a isto Polícrates, bispo de Éfeso, e alguns outros bispos do Oriente, a constituição do papa foi recebida por toda a Igreja, e cento e vinte e nove anos depois a renovou o célebre concílio de Niceia.

Outras muitas constituições publicou São Vítor para bem da Igreja universal e, entre outras, declarou que em caso de necessidade se podia batizar com qualquer água natural, isto é, que não era preciso que estivesse benta com as cerimônias que usa a Igreja quando benze as pias do batismo. Enfim, depois de ter governado este santo pontífice o rebanho de Jesus Cristo por espaço de dez anos, recebeu em prêmio de seus trabalhos a coroa do martírio no dia 28 de julho de 202.

No mesmo dia faz também comemoração a santa Igreja de Santo Inocêncio, papa, primeiro deste nome. Foi da cidade de Albano, perto de Roma e, assim por sua virtude como por sua sabedoria, sucedeu ao papa Santo Anastácio, que morreu no ano de 402. Logo se reconheceu que o havia destinado Deus para consolar e fortalecer a Igreja nas aflições que padeceu naquele tempo. Inundaram os godos a Itália, acaudilhados por Alarico, e tudo encheram de consternação. Consolou o santo papa a seu povo, tranquilizou-o e com suas orações conseguiu do Senhor que se dissipasse toda aquela multidão de bárbaros pela derrota de seu chefe, ao mesmo tempo que se avançava para Roma para passá-la a sangue e fogo.

Noticioso do furor com que a imperatriz Eudóxia perseguia São João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, declarou-se seu protetor e, anulando tudo o que se havia decretado contra o santo num conciliábulo que se juntou num arrabalde de Calcedônia, mandou que fosse restituído a sua cadeira aquele ilustre prelado e fulminou excomunhão contra todos os que haviam tido parte em sua perseguição. Teve o consolo de ver extinto o cisma que havia tanto tempo despedaçava Antioquia; mas, chegando a Ravena, turbou-se-lhe este gozo com a notícia de que Alarico havia surpreendido Roma, saqueando-a e passando à espada seus habitantes. Afligiu-se e chorou o santo pastor a desolação de suas ovelhas; mas com sua volta as consolou e não poupou diligência alguma para que, no modo possível, se ressarcissem de suas perdas. Foi o primeiro que expulsou de Roma os novacianos, e sua solicitude pastoral se estendia a todas as necessidades da Igreja.

Mas sobretudo explicou seu ardente zelo contra Pelágio e Celéstio, cabeças da perniciosa heresia pelagiana. Informado de seus principais erros pelas cartas que lhe escreveram os concílios de Milevo e de Cartago, escreveu duas admiráveis epístolas contra eles, nas quais explica excelentemente a necessidade da graça para merecer e confirma os decretos que haviam dado os dois concílios contra aqueles heresiarcas. Com esta ocasião disse Santo Agostinho que, tendo confirmado o papa tudo o que se havia decretado contra os inimigos da graça de Jesus Cristo, já era causa acabada e definida. Este grande santo, principal defensor da verdade que combatiam aqueles hereges, escreveu duas epístolas ao papa Inocêncio, em que mostra a veneração e o respeito que lhe professava, e o santo pontífice acredita bem em suas respostas a particular estima que fazia daquele ilustre defensor da graça; e nas que deu aos prelados que compunham os concílios de Cartago e de Milevo louva singularmente a perfeita submissão que mostravam ao supremo juízo da santa sé; declarando ao fim delas por excomungados a Pelágio e a Celéstio. Também escreveu outras epístolas importantes a muitos bispos das Gálias, uma a São Vitrício, arcebispo de Ruão, e outra a São Exupério, arcebispo de Tolosa, sobre vários pontos e regras de disciplina eclesiástica. A São Decêncio, bispo de Gúbio, escreveu-lhe sobre o jejum do sábado, que diz que se deve guardar em reverência da sepultura do Senhor, condenando os que o desaprovavam. Enfim, depois de ter governado a Igreja por espaço de catorze anos com uma prudência e com uma virtude digna de um vigário de Jesus Cristo, consumido de trabalhos e cumulado de merecimentos, morreu com a morte dos santos no dia 28 de julho do ano 417 e foi

enterrado no cemitério de Priscila, de onde, no ano de 845, o papa Sérgio II trasladou seu corpo à igreja do título de Equício. São Jerônimo, na célebre epístola que escreveu a Demetríade para confirmá-la no santo propósito que havia feito de guardar virgindade, fala-lhe do papa São Inocêncio nestes termos: «Mantém constantemente a fé de Santo Inocêncio, filho espiritual e sucessor de Anastácio, de feliz recordação, na cátedra apostólica; e, por mais sábia e iluminada que sejas, guarda-te bem de seguir outra doutrina.»

Martirológio Romano

Em Roma, o martírio de São Vítor, papa.

Também em Roma, a festa de São Nazário e do menino São Celso, mártires, a quem, na raiva da perseguição movida por Nero, mandou passar a cutelo Anolino, depois de terem sido muito tempo maltratados e afligidos no cárcere.

Na Tebaida, no Egito, a comemoração de muitos santos mártires que padeceram na perseguição de Décio e de Valeriano. Desejando com ânsia os cristãos ser degolados pelo nome de Jesus Cristo, seu astuto inimigo imaginava os suplícios mais lentos, por ver se podia, em vez de seus corpos, fazer perecer suas almas. Entre tantos mártires houve um que, depois de ter padecido animoso o rigor do potro, de pontas candentes e caldeiras fervendo, foi untado com mel e exposto, com as mãos atadas às costas, ao sol abrasador, para que o picassem as moscas e vespas. Outro, molemente deitado entre flores, vendo vir a ele uma mulher impúdica para tentá-lo, cuspiu no rosto daquela desgraçada a língua que se havia feito em pedaços com os dentes.

Em Ancira, na Galácia, Santo Eustáquio , mártir, o qual, atormentado com diferentes gêneros de suplícios, foi arrojado a um rio; mas um anjo o tirou dali; enfim, a visão de uma pomba que baixava do céu o chamou ao eterno galardão.

Em Mileto, São Acácio, mártir, que, sob o imperador Licínio, tendo sido, depois de outros tormentos, lançado numa fogueira e conservado intacto por divina assistência, consumou seu martírio vendo cortar-lhe a cabeça.

Na Bretanha, São Sansão, bispo e confessor.

Em Lyon, São Peregrino, presbítero, cuja santidade atestam seus brilhantes milagres.

Em Loches, na Touraine, São Urso, confessor.

Em Soissons, São Gerano, cônego de São Gervásio e arcediago.

No dito dia, Santa Bisa , martirizada com alguns outros.

Na Etiópia, São Mateus, o eremita.

Na Suécia, São Botvid, feito em pedaços por um vendo .

Em Placência, São Raimundo, confessor, de quem há duas igrejas naquela cidade.

Missa (oração)

A missa é em honra dos santos, e a oração é a seguinte.

> **Latim:** *Sanctorum tuorum, Domine, Nazarii, Celsi, Victoris, et Innocentii confessio beata communiat: et fragilitati nostræ subsidium dignanter exoret. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Fortaleça-nos, Senhor, a bem-aventurada confissão de vossos santos Nazário, Celso, Vítor e Inocêncio, e alcancemos de vossa bondade o auxílio de vossa graça para sustentar nossa fraqueza. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 10 do livro da Sabedoria.

Sabedoria 10,17-20

> **Latim:** [17] Et reddidit justis mercedem laborum suorum, et deduxit illos in via mirabili : et fuit illis in velamento diei, et in luce stellarum per noctem ; [18] transtulit illos per mare Rubrum, et transvexit illos per aquam nimiam. [19] Inimicos autem illorum demersit in mare, et ab altitudine inferorum eduxit illos. Ideo justi tulerunt spolia impiorum, [20] et decantaverunt, Domine, nomen sanctum tuum, et victricem manum tuam laudaverunt pariter :

Português: [17] E deu aos justos o galardão dos seus trabalhos, e os conduziu por um caminho admirável: E serviu-lhes de coberta de dia, e de luz das estrêlas de noite: [18] Conduziu-os pelo mar Vermelho, e transportou-os pela imensidade das águas. [19] Mas sepultou no mar os seus inimigos, e tirou-os do profundo dos abismos. Por isso os justos levaram os despojos dos ímpios, [20] e com os seus cânticos engrandeceram, Senhor, o teu Santo Nome, e todos uniformemente louvaram a tua Mão vitoriosa:

Nota

«Refere este capítulo do livro da Sabedoria de Salomão como a mão poderosa de Deus livrou os bons de uma multidão de males e os cumulou de uma multidão de bens, provando-o com a libertação do povo de Deus do cativeiro do Egito; o que com razão aplica a Igreja aos santos mártires e confessores.»

Reflexões

É Deus o melhor de todos os amos e, com tudo isso, é o pior servido de todos. Nenhuma coisa manda a seus servos que ele mesmo não tivesse antes praticado; e ainda falta muito para que nos mande tudo aquilo que ele se dignou fazer e padecer por nós. Embora o temor servil seja louvável, e ele também o aprove, contudo gosta mais de ser servido por amor. Não há amo no mundo que se contente com a boa vontade dos que o servem; não basta ter boa vontade, é preciso servir bem; só se atende a isto; e ainda quando se faz melhor o serviço, não falta que dizer. Nem sempre se dá gosto ao que manda, ainda que seja muito penosa a execução. O que havia de mandar a razão, não poucas vezes o mandam a extravagância e o capricho dos amos duros e desumanos. Trabalha-se muito no mundo, mas muitas vezes é trabalho perdido quando mais se suou; e, ainda que se tivesse feito com a melhor intenção, se não se logra o intento, nem se agradecem tuas fadigas nem se faz caso delas; estarás anos inteiros remando e sofrendo, e nem ainda se fará atenção a isso; mas descuida-te em alguma falta, levanta-se o grito, excita-se a cólera, manda-se-te embora, e já não se quer mais de ti. Mas não basta servir bem, é preciso agradar, e o agradar nem sempre está em nossa mão. Há nos amos umas secretas aversões em força das quais lhes dá no rosto, ou recebem com frieza, quanto fazem certas pessoas; ao mesmo tempo que o menor serviço, uma bagatela de seus favoritos e aduladores, é celebrada, é aplaudida, é recompensada com profusa liberalidade. Oh, e de que outra maneira trata Deus os que o servem! Não só não é aceitador de pessoas, mas, falando em rigor, só estima o serviço pelo amor com que se faz; mais atende à vontade de servi-lo que ao serviço mesmo, e o prêmio sempre é cem vezes dobrado. *Deu*, diz o Sábio, *aos justos a recompensa de seus trabalhos.* Não parece salário que dá, mas dívida que paga: *Reddidit.* É excessiva sua liberalidade, embora em rigor só premie em nós seus mesmos dons. É Deus um amo benigno, próvido, que se compadece de nossos males; é pai, mas pai cheio de ternura, que a todos os seus servos os olha como amigos: *Vos amici mei estis*; como se fossem filhos seus. Quem o viu nunca de mau humor? Quem o encontrou menos indulgente, menos liberal, menos pai quando o serviu com fidelidade e com presteza? Despede-se no mundo algum criado? Pois já não se lhe volta a receber. A ninguém despede Deus jamais de seu serviço; mas o que voluntariamente se despede dele por malícia, por leviandade, por covardia ou por dissolução, sempre é bem recebido quando volta a sua casa de boa-fé. Lembra-te da parábola do filho pródigo. Coisa estranha: um amo tão bom, tão liberal, tão fácil de servir e de contentar é o pior servido de todos, e há tão poucos que o queiram servir.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 21 de São Lucas, e o mesmo do dia 16.

Lucas 21,9-19

> **Latim:** 9 Cum autem audieritis prælia et seditiones, nolite terreri : oportet primum hæc fieri, sed nondum statim finis. 10 Tunc dicebat illis : Surget gens contra gentem, et regnum adversus regnum. 11 Et terræmotus magni erunt per loca, et pestilentiæ, et fames, terroresque de cælo, et signa magna erunt. 12 Sed ante hæc omnia injicient vobis manus suas, et persequentur tradentes in synagogas et custodias, trahentes ad reges et præsides propter nomen meum : 13 continget autem vobis in testimonium. 14 Ponite ergo in cordibus vestris non præmeditari quemadmodum respondeatis : 15 ego enim dabo vobis os et sapientiam, cui non poterunt resistere et contradicere omnes adversarii vestri. 16 Trademini autem a parentibus, et fratribus, et cognatis, et amicis, et morte afficient ex vobis : 17 et eritis odio omnibus propter nomen meum : 18 et capillus de capite vestro non peribit. 19 In patientia vestra possidebitis animas vestras.

Português: 9 E quando ouvirdes fallar de guerras, e de tumultos, não vos assusteis: estes cousas sim devem succeder primeiro, mas não será logo o fim. 10 Então lhes dizia: Levantar-se-ha nação contra nação, e reino contra reino. 11 E haverá grandes terremotos por varias partes, e epidemias, e fomes, e aparecerão cousas espantosas, e grandes sinaes do ceo. 12 Mas antes de tudo isto lançar-vos-hão elles as mãos, e perseguir-vos-hão entregando-vos ás synagogas, e aos carceres, levando-vos á presença dos reis, e dos governadores, por causa do meu nome: 13 e isto vos será occasião de dardes testemunho. 14 Gravai pois nos vossos corações, o não premeditar como haveis de responder: 15 porque eu vos darei huma boca, e huma sabedoria, á qual não poderão resistir nem contradizer todos os vossos inimigos. 16 E sereis entregues por vossos pais, e irmãos, e parentes, e amigos, e farão morrer a alguns de vós outros: 17 e sereis aborrecidos de todos por causa do meu nome: 18 entretanto não se perderá hum cabello da vossa cabeça. 19 Na vossa paciência possuireis as vossas almas.

Meditação

Da prosperidade dos maus

Primeiro ponto

Considera a sem-razão com que se tem por objeto digno de inveja a prosperidade dos maus. São uns réus condenados à morte a quem se dá tudo o que pedem; são uns enfermos desenganados a quem não se nega coisa alguma que apetecem. A quem passou jamais pelo pensamento invejar a sorte de uns nem de outros? Quem os considerou felizes porque em tudo se lhes dava gosto? Aflige Deus os bons e permite as prosperidades aos maus para que nos lembremos da outra vida. Quando pensou Davi na pátria celestial, mansão dos bem-aventurados? Em meio das aflições, no mais forte de minhas perseguições, espero firmemente que o Senhor me dará a gostar os consolos de uma doce paz na terra dos vivos: *Credo videre bona Domini in terra viventium.* Neste mundo nem me lisonjeio nem quero ser feliz; sei muito bem que não se dão flores neste vale de lágrimas; não se fez a alegria para este lugar de desterro, nem o mundo se pode chamar pátria senão daqueles que renunciam voluntariamente a Jerusalém celestial. O que engana a maior parte dos homens, o que os escandaliza, é o errado conceito em que estão de que os maus são ditosos porque são maus. Todo o contrário sucede: são maus porque são ditosos. Há queixas e há murmurações de que Deus enche os maus de prosperidades; murmurações injustas, queixas sem razão. Deus tudo faz com justiça e com infinita sabedoria. Mais acertado seria o discurso se se concluísse que deve ser um grande mal a prosperidade, posto que a concede Deus aos maus. Aos patriarcas da lei antiga os recompensava com bens temporais, porque até a vinda do Redentor tinham fechadas as portas do céu; mas os que na lei de graça gozam esses mesmos bens não podem crer que Deus lhos dê pelo mesmo motivo. Quando os príncipes estão resolvidos a afastar de sua pessoa os cortesãos, costumam dar-lhes empregos. Não poucas vezes uma gratificação é uma desgraça. Davi sempre foi bom, e segundo o coração de Deus, enquanto esteve na adversidade: conservou a inocência entre o fogo da tribulação; mas a perdeu quando se viu no doce repouso da prosperidade. A prosperidade dos maus os cega, os adormece, os encanta de sorte que não conhecem nem a desdita nem o perigo que os ameaça. A abundância atordoa. Quase todas as flores de subido odor que lisonjeiam o olfato fazem dano à cabeça: esta anda ao redor nos lugares mais elevados. Meu Deus, que castigo tão digno de temer-se é a prosperidade dos maus!

Segundo ponto

Considera o que significam aquelas palavras[^n281]: *Recepisti bona in vita tua*: «Cumulei-te de bens enquanto viveste.» Isto é quanto podes esperar; já estás premiado. Quem terá inveja daquele desditoso rico?

[^n281]: Lc 16.

Tudo brilhava em sua casa, tudo respirava alegria. A abundância sustentava a profanidade e as delícias; uma contínua série de prosperidades mantinha em suas desordens aquele homem afortunado segundo o mundo; mas morre enfim o rico; rende-se todo aquele grande mundo à cortadora gadanha da morte; desvanece-se aquele curto número de dias, que quase se esquecem no mesmo ponto em que desaparecem; começa a eternidade; e aquele rico, aquele grande, aquele homem afortunado nada encontra em suas mãos para esta eternidade. Em vão clama: «Pai Abraão, tem misericórdia de mim.» A resposta é: «Já te cumularam de bens durante tua vida.» Dirás que com a vida se acabou essa superficial, essa falsa, essa curta prosperidade. Bem está;

mas *recepisti*, já recebeste o que te tocava. Estimemos agora essas fortunas repentinas e precipitadas, essas honras acumuladas, essas prosperidades enganosas e deslumbradoras desta vida; não há coisa mais desprezível, nem mais falsa, nem mais oposta à verdadeira felicidade. São poucos os homens que por algum tempo não tenham sido bons; ninguém que não tenha feito algum bem durante sua vida. Se Deus reservasse premiar os maus para a outra, seria preciso que os colocasse no céu, porque só nele há prêmios eternos no outro mundo. Por isso se diz que uma contínua prosperidade é sinal de reprovação; e por isso mesmo compara São Gregório os ditosos do século aos bois que se deixam engordar, sem trabalhá-los, e nos melhores pastos, porque estão destinados ao matadouro. «Se os que puxam o carro — prossegue este santo padre — pudessem falar e discorrer, teriam inveja aos que pastam no prado? Quer-se conservar os que trabalham, e resolveu-se degolar os que engordam.» Ó prosperidades dos maus, e quão dignas de compaixão vos representais aos que vos olham com os olhos da fé e consideram as coisas segundo seus princípios! Prosperidades enganosas, vós alucinais os mortais, imaginando estes que os fazeis ditosos, quando só sabeis fazer desditosos e infelizes.

Divino Salvador meu, não me trateis como a estas desgraçadas vítimas de vossa divina justiça; não me concedais nesta vida prosperidade alguma que haja de privar-me dos bens celestiais; antes afligi-me de todos os modos nesta miserável vida, contanto que me façais ditoso por toda a eternidade.

Jaculatórias

> *Credo videre bona Domini in terra viventium.* Sl 26.

Sim, meu Deus, tenho uma firme confiança de que me daréis a gostar no céu, naquela feliz pátria dos que vivem, os inexplicáveis bens de que inundais vossos eleitos.

> *Mendicitatem, et divitias ne dederis mihi: tribue tantum victui meo necessaria.* Pr 30.

Não vos peço, Senhor, para esta vida prosperidade alguma que possa prejudicar minha salvação. Não me deis pobreza nem riquezas; concedei-me somente o preciso para viver.

Propósitos

1. De hoje em diante não qualifiques de prosperidades as grandes fortunas, os ganhos excessivos, nem esses dilúvios de felicidades e de bens; é um erro comum que deves corrigir. Se não houvesse

mais vida que a presente, seriam desejáveis essas venturas; mas para os poucos dias que podemos viver há uma eternidade, e de ordinário uma eternidade de penetrantes arrependimentos, de suplícios sem fim, por uns deleites insulsos e trabalhosos que se passaram como sonhos; pelo contrário, todas as prosperidades temporais deves considerá-las como sinais de tua pouca virtude. Sempre que te suceda algum próspero sucesso, teme que queira Deus recompensar-te neste mundo o pouco bom que puderes ter feito, para dizer-te quando te castigue no outro: «Lembra-te de que já te cumulei de bens.» Este pensamento moderará tua alegria, que sempre prejudica a uma alma cristã, e ao mesmo tempo será o meio mais eficaz para viver de modo que não te trate Deus como àquele rico.

2. Guarda-te bem de ter jamais inveja à fortuna de outro. Alguns que brilham, campeiam e sobressaem neste mundo, por toda a eternidade estarão invejando o que viveu nele retirado, desconhecido e cheio de miséria. Lembra-te de que a prosperidade é uma contínua tentação, que dura tanto como a boa fortuna; enquanto esta persevera, não há paixão que não desperte, nenhuma que deixe de fazer alguma tentativa e de ganhar algum terreno. Se o coração e o entendimento fossem cristãos, a todas as prosperidades as teríamos por provas, e por provas muito perigosas; tu ao menos considera-as como tais. Sucedem-te prósperos sucessos? Reina em tua casa a abundância? Tens fortuna em tudo? Rende mil graças ao Senhor, recebe estes dons como bens de sua mão; mas guarda-te bem de derramar-te numa altaneira alegria, tão material como mundana. Olha tudo às luzes que se te acabam de propor e considera que esses bens mais geralmente são recompensa dos maus que dos bons. Quando te sai bem alguma coisa, teme que queira Deus premiar-te com ela; e, ao contrário, rende-lhe mil graças em todos os contratempos.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:50:47 by Admin
Updated 20 November 2026 20:50:47 by Admin